

FIM DE
SEMANA

. 70

A quem interessam as «maiorias silenciosas»?

Ah!, a rotina... o desinteresse... O lavar as suas mãos e declarar que não é nada (nunca é nada...) connosco. «Pois quê? Se eu continuo a trabalhar como sempre o fiz, se não me meto em aventuras reivindicativas recheadas de protestos, se continuo a preocupar-me com a minha vida sem me meter na dos outros, acaso poderão pedir-me mais? Olha-se à volta e é só confusão, ninguém entende o que se está a passar. Ao menos dantes havia ordem... O melhor é pôr-se ao largo, não se meter em complicações. Mas isto está cada vez mais difícil...

Perante isto é de facto difícil encontrar argumentos que invalidem afirmações tão inocentes e puras de intenção. Melhor: argumentos sérios e baseados numa análise correcta da situação encontram-se, mas como fazer com que eles sejam compreendidos e tenham signifi-

ficado perante quem foi desde sempre habituado a pensar que a vida da comunidade é apenas um conjunto de vidas individuais mas não um assunto colectivo (a não ser como tema para críticas a aspectos mais ou menos anedóticos, naquele jeito de má-língua entre quem nunca foi capaz de ver mais além que o seu vizinho do lado)? Como demonstrar às vítimas do longo reinado de um regime que encontrou forte apoio para se sustentar tanto tempo no obscurantismo provocado na esmagadora maioria do povo português, e convém frisar que vítimas não foram só os presos políticos mas todos que foram longamente humilhados, muitas vezes sem se aperceberem disso, por um regime político anti-popular, como demonstrar-lhes, portanto, que a definição da vida política nacional deve basear-se numa participação activa das

massas populares? É que é difícil, pelo menos em curto espaço de tempo, destruir vícios adquiridos em longos anos de ignorância involuntária, de abstenção forçada, de terror a espreitar cada gesto mais ousado, de crença artificialmente provocada de que «o que me interessa é a minha vida, quem quiser que se safe», de constante metralhar na ideia da confiança absoluta nos chefes e de que «a política é para os políticos».

Por tudo isto, é urgente elucidar correctamente as pessoas que não conseguiram ainda libertar-se dos restos de 48 anos de fascismo. Assistimos agora, e com frequência e descaramento cada vez maiores, ao «namoro» que grupos marcadamente de direita, saudosos do tempo em que arrebanhar pessoas para manifes-

(Continua na pág. 2)

A POSIÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS NA EVOLUÇÃO POLÍTICA DO PAÍS

Do «Boletim Informativo do Movimento das Forças Armadas», órgão da Comissão Coordenadora do Programa distribuído gratuitamente nas unidades militares, transcrevemos, pela sua importância, o seguinte artigo:

«Têm-se levantado ultimamente inúmeras concepções sobre a posição das F. A. relativamente à evolução da situação política do País. Por isso se torna essencial definir perante o processo revolucionário iniciado com o 25 de Abril e apoiado no Programa do M. F. A., qual a posição das F. A.'s e as atitudes que devem assumir na actual situação.

Convém antes de tudo referir que a situação política que atravessamos não corresponde a uma situação de democracia política institucionalizada, mas sim atravessamos um período de excepção, de ordem

democrática. Este período excepcional visa liquidar definitivamente as estruturas fascistas e implantar a democracia pluripartidária em Portugal.

Tendo em conta a diferenciação de situação acima indicadas, consideramos que, para cada uma delas, a posição das F. A.'s é uma determinada. Há que evitar a todo o custo a confusão de análises da situação política, pois poderemos ser conduzidos e manobrados em defesa de interesses diferentes ou contrários à linha política definida no Programa do M. F. A.

Com a existência actual de uma ordem democrática, que permite a liberdade de expressão de pensamento, há possibilidade de se manifestarem as mais diversas concepções sobre o papel das F. A.'s perante o processo político. Muitas enfermam de grande ingenuidade política e

outras que, aparentando um «respeito» pelo «legalismo», no fundo servem objectivamente os interesses visados pela grande campanha de agressão ideológica desencadeada pelas forças da reacção.

Assim ao lado de concepções ingenuas de «isenção política» e «apoliticismo» das F. A.'s começam a re florescer as velhas teorias reaccionárias de que cabe às F. A.'s manter os «valores tradicionais da civilização cristã e ocidental», ou intervir em respeito à «ordem e tranquilidade», características do fascismo.

É certo que tem havido diversas intervenções das F. A.'s em diversos sectores da vida política e social do nosso país, mas, até ao momento, podemos dizer que essas intervenções foram sempre feitas em

(Continua na pág. 2)

1. Ainda voltamos à Carta Pastoral do Episcopado sobre o momento político.

Os Bispos, desculpando a fraqueza dos homens do regime político deposto, acusam o toque da crítica feita à Igreja por não ter reagido abertamente contra as prepotências desse regime, que ofendiam todos os princípios de humanidade cristã. E reconhece humildemente que o não fez.

Não precisava de reconhecê-lo, pois todos o sabemos; que o digam os Bispos do Porto e de Nampula que ela discretamente abandonou às forquilhas do Inferno. Mas, à guisa da desculpa, informa-nos de que privadamente praticou diversos actos e intervenções junto dos poderes constituídos.

Como se trata de altos dignatários da Igreja Católica, entro no jogo e escudo-me no exemplo do seu S. Tomé: «ver para crer». Não será ver, mas saber.

E que os Senhores Bispos esqueçam-se, para bem se justificarem, de nos esclarecerem sobre quais foram (pelo menos algumas) dessas intervenções e qual o resultado que tiveram. Se nos informarem disso, então — mas só então — acreditamos.

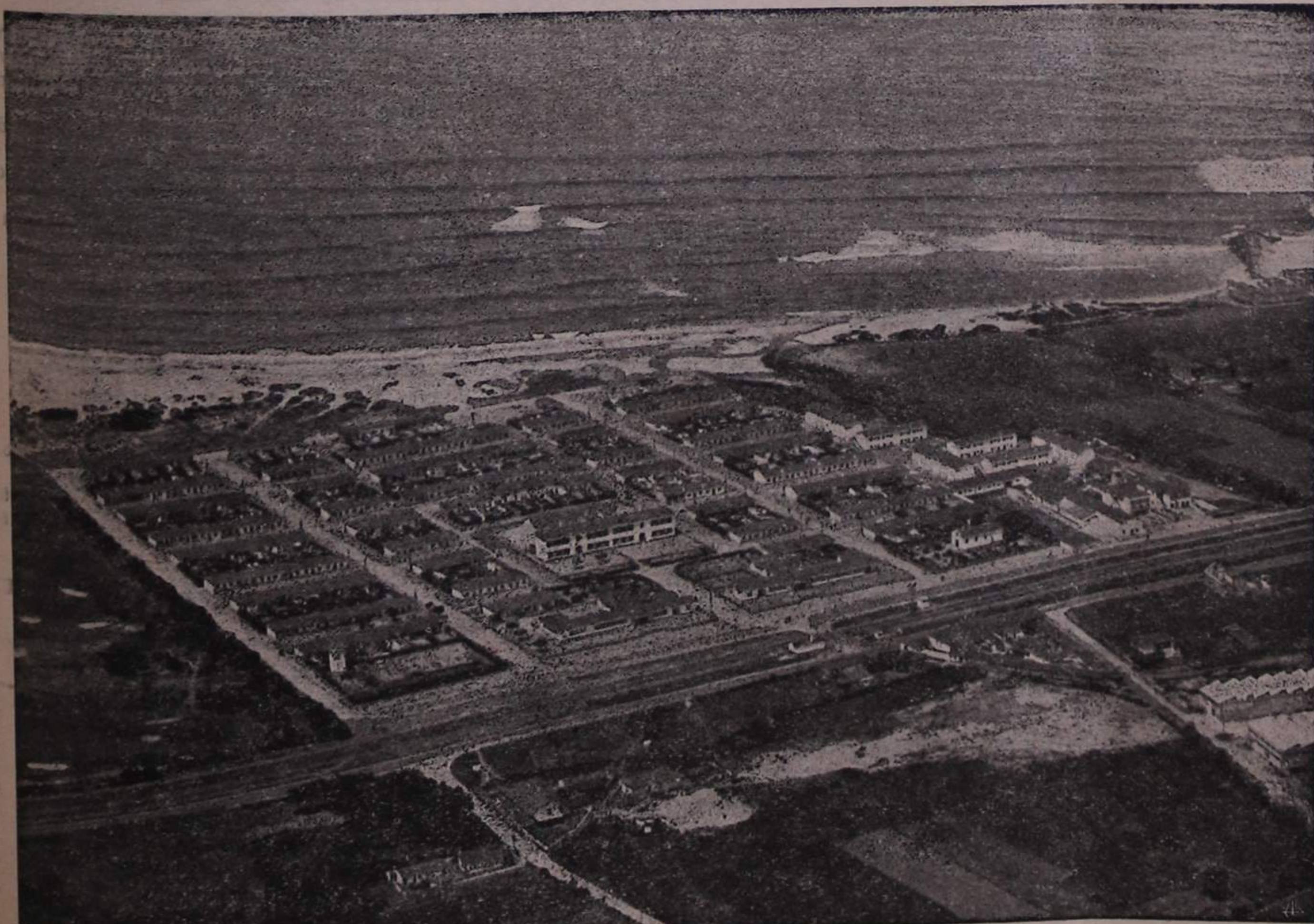
2.

O Partido da Democracia Cristã está preocupado com a futura lei eleitoral.

Em comunicado público discorda da composição da comissão encarregada de elaborar o projecto dessa lei, embora não nos digo porquê.

Preocupação fora de tempo: quando a comissão para elaboração foi nomeada e empossada, o partido ainda não existia; por outro lado pode estar tranquilo por-

(Continua na pág. 2)

EM
FOCO

O BAIRRO PISCATÓRIO

Vivemos o início dum tempo em que se podem chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome, um tempo diferente iluminado pelo sol da verdade.

Assim o desejamos e assim será se todos o quisermos.

A situação do Bairro Piscatório, que a fotografa nos mostra, de longe e em bom estado, é hoje má, com casas em ruína, lavadouros parados a empurrarem as lavadeiras para um riacho fedorento, arruamentos de areia suja e deprimente, pessoas desorientadas sem um mínimo de assistência social, e exige das entidades responsáveis, com urgência, algo que faça sentir aquela gente uma vida renovada e mais digna.

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

A posição das Forças Armadas na evolução política do País

(Continuação da pág. 1)

defesa do cumprimento de um programa político que restitui, ao povo português, as liberdades fundamentais e a possibilidade de escolher o caminho que mais lhe interessa.

É observando, objectivamente, a actual situação política que vamos procurar dar resposta ao problema da posição das F. A. perante a vida nacional.

Porém, ainda que possamos originar polémica, vamos referir-nos também à posição das F. A.'s perante uma situação política de definitiva institucionalização da democracia. Neste artigo, provavelmente, só tocaremos muito levemente a questão mas não descuraremos em próximas intervenções.

Antes de entrarmos, propriamente, no assunto, convém sublinhar que a actual situação política corresponde a um processo de luta através do qual se pretende consolidar todo um conjunto de liberdades e garantias inscritas no programa do M. F. A. Somente através da vitória das forças democráticas e do cumprimento do Programa do M. F. A. nós poderemos alcançar a definitiva institucionalização da democracia em Portugal.

Falar em apoliticismo em «isenção e neutralidade políticas» das F. A.'s, na actual situação, além de corresponder a uma concepção pouco esclarecida politicamente, objectivamente serve os interesses de todos os que, através da liberdade alcançada, conspiram aberta ou encapotadamente com o objectivo de a liquidar novamente.

O M. F. A. e, conseqüentemente, as F. A.'s, comprometeram-se, no dia 25 de Abril, perante o Povo Português, a combater e liquidar o fascismo opressor até ao cumprimento integral do Programa do M. F. A.

Neste momento, qualquer atitude contrária ao cumprimento do Programa do M. F. A., venha ela de sectores das F. A.'s venha ela de sectores civis, deve ser encarada como uma atitude reaccionária da qual só beneficiam as forças da reacção e do fascismo.

No desmascaramento dessas atitudes deve estar em posição de destaque o M. F.

A. e, em torno dele, todas as F. A.'s em perfeita coesão e disciplina.

Não temos dúvidas que o Programa do M. F. A. é um programa político feito por militares, militares esses que se comprometeram e responsabilizaram perante o Povo Português pelo seu integral cumprimento.

A esse Programa aderiram a totalidade das F. A. pelo que a sua função fundamental na actual situação política deverá ser a *vigilância activa contra todas as manobras da reacção que visem criar condições objectivas de descrédito ao 25 de Abril, à futura institucionalização da democracia e dos agentes fundamentais do processo revolucionário, ao M. F. A., às F. A.'s e à unidade Povo-Forças Armadas.*

Tem-se falado, também, com bastante frequência, do apartidarismo das F. A.'s e têm-se feito acusações a elementos das F. A.'s de nelas praticarem acções partidárias.

Por nossa parte consideramos que as F. A.'s não estão ao serviço de qualquer partido, mas consideramos que os seus membros, como cidadãos, devam ter opções políticas partidárias. Não devem utilizar a sua qualidade de militar para fins partidários.

Devemos porém estar atentos a «cantos de sereia» reaccionários, quando se referem ao apartidarismo das F. A.'s. Essas lucubrações teóricas de reacção pretendem afastar o M. F. A. e as F. A.'s do cumprimento do seu Programa político, que apresenta imensos pontos de contacto com os programas de vários partidos políticos progressistas, representados no Governo Provisório. Essa filosofia de «apartidarismo», lançada pela reacção, não visa mais do que dividir o M. F. A. e isolá-lo do Governo Provisório.

Como se conclui, definitivamente, as Forças Armadas estão empenhadas numa tarefa política revolucionária e nessa tarefa apoiam, firmemente, a actuação do Governo e as associações políticas progressistas, que se proponham cumprir e fazer cumprir os objectivos do Programa do M. F. A. e defendem-nos das criminosas agressões ideológicas dos sectores mais reaccionários.»

A quem interessam as «maiorias silenciosas»?

(Continuação da pág. 1)

tações «espontâneas» de apoio ao «governo» era manobra fácil, fazem às camadas de população que julgam menos esclarecidas e que pretendem apresentar como maiorias silenciosas, vítimas da actual situação política. Chamar à participação da vida política as pessoas porventura ainda menos motivadas e ignorantes da importância do momento que vivemos é tarefa que julgamos de grande relevância para o futuro da democracia em construção.

Se é um facto que as grandes jornadas de manifestação popular de regozijo pela actuação das Forças Armadas em 25 de Abril, a participação maciça em comícios e outras reuniões de carácter político, social, económico e cultural, têm provado a efectiva capacidade, latente, durante muitos anos, do povo português se organizar em volta de objectivos verdadeiramente nacionais, é também certo que se vem notando, por parte de certos sectores, um certo desencanto e cansaço, talvez gerado em parte pela errada

compreensão do que se passou em 25 de Abril e da verdadeira situação em que se encontrava o país, já que terão pensado que seria possível reconstruir em uma dúzia de meses o que durante 48 anos foi conscienciosamente aniquilado. E esse desencanto é tanto mais grave quanto pode facilitar a vida às forças que mantêm ainda a esperança de tornar reversível o que se diz ser irreversível. Mas que só o será, de facto, com a dinamização de massas cada vez maiores, com a consciência cada vez mais forte dos problemas que há a resolver, com a defesa intransigente, e por todos, das conquistas democráticas já feitas — com a denúncia constante e sem quartel de todas as tentativas daqueles que, encapotando-se nos já maltratados qualificativos «social» e «democrático», visam apenas a destruição do muito que já se fez e impedir o muito que há a fazer, reconvertendo um processo político que corresponde aos interesses mais fundos do país num novo (velho) período de opressão e traição nacionais.

A. S.

FIM DE SEMANA • 70

(Continuação da pág. 1)

que o projecto tem de ser clivado pelo Governo e pelo Conselho do Estado. Calma.

El também se preocupa com o facto de se pretender que tenham direito a voto os maiores de 18 anos; lá para os 21 estará bem.

Ora se nos lembramos que o cidadão é maior desde que seja emancipado aos 18 anos, desde que case, mesmo com menos idade do que essa, de que pode ser funcionário público, pode até ser agente de ensino, pode dar o corpo ao manifesto na vida militar, parece que também terá maturidade para ser eleito. Mas entendemos a preocupação: é que em França Mitterrand perdeu as eleições por só terem voto os maiores de 21 anos...

3.

Espinho tem de ser mais limpo. Lembremo-nos da cólera.

Lemos há dias no «Jornal de Notícias» a denúncia de existência duma lixeira pública na entrada norte da cidade. Mas há mais; na rua 11, entre as ruas 64 e 8 há outra; embora lá exista um letreiro avisando que é proibido deitar lixo, a verdade é que até vêm de longe vazá-lo ali.

Para os outros, não podemos pretender que quaisquer agentes de autoridade possam fiscalizar e apanhar os porcos que ali vazam o lixo.

Alí o problema é dos municípios: é de não serem porcos. Assim mesmo: PORCOS!

4.

A falta de higiene no país é passmosa. Só admira haver tão poucas epidemias.

Há semanas contava-me ingenuamente um taberneiro de Custóias, Matosinhos, o seguinte:

No rés-do-chão tem a taberna e mercearia (e vive), sem sanitários. A Senhora vive no andar. Há uma fossa junto de um poço. A Senhora tem água encaçada. O taberneiro tem de utilizar a do

poço. A água do poço vem toda gordurosa. Tão gordurosa que, apesar de lavar os copos usados a servir o vinho aos clientes com muito detergente, eles ficam «tão gordurentos que até tem vergonha».

Tem vergonha, mas impinge na mesma aos fregueses o vinho dentro deles.

5. Em dois cinemas, com sessões diárias e programas diariamente diferentes, exibiram-se em Agosto em Espinho 61 filmes (porque um prendeu dois dias).

De toda esta abundância salvam-se «Os clowns», de Fellini, e o «Jesus Cristo Super Star». Sofríveis o «Luís Bavieria» «Ensina-me a viver», «O porteiro», «Lua de papel», e não sei se mais algum.

O resto — ou exploração do sexo e da pornografia ou exploração da violência pura, excepção feita à reposição do clássico «Duelo ao Sol».

Embora a tendência dos exibidores portugueses esteja voltada para este tipo de filmes lamentavelmente, ainda assim, os cinemas da cidade não poderiam oferecer à população melhor nível de programação?

Tanta badalhoquice e tanta basungia a fazer de cinema é demais.

A propósito: notamos no aumento de delinquência a verificar-se entre nós — menores entre os 14 e os 19 anos; em que medida terá influência neste lamentável facto a disseminação de tal cinema? Acrescente-se que a televisão também não se retrai de exibir (embora presentemente em menor quantidade) filmes de violência sem a menor qualidade.

Mas, voltando ao tema: findo o Agosto, feito balanço, concluo que a programação dos cinemas de Espinho foi uma bodega.

É isto interessa mesmo às autoridades de Espinho, não só sob o ponto de vista educacional da população do concelho por que são responsáveis.

Deixemo-nos de cantigas. Acabou o tempo das reverências.
31-8-74

VASCO LUIS

NOTA

Por salto tipográfico saiu truncado o n.º 3 do «Fim de Semana» - 69.

Após o parágrafo que diz «devia ter razão o cronista falta o parágrafo seguinte:

FOMOS LA NUM DIA DO PASSADO INVERNO

V. L.

Teatro

O Novo Espectáculo do Seiva Trupe

O Seiva Trupe começou a trabalhar no seu próximo espectáculo, estando prevista a estreia para meados do próximo mês de Outubro.

O espectáculo pretende ser um documento sobre a luta dum povo durante os tempos do fascismo, tendo como fulcro a causa revolucionária de Catarina Eufémia, assassinada em Baleizão, há vinte anos, à frente duma luta de camponeses.

«A SEIVA CONTA CATARINA NA LUTA DO POVO», é o nome do espectáculo cujos textos são da responsabilidade do jornalista Luís Humberto.

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS

DECORAÇÕES

— ESPINHO —

LIVROS & AUTORES

«Iniciativas Editoriais» acabam de publicar «Quero entender o mundo» crónicas de Keil do Amaral. Este é o 4.º título da colecção **Real-Imaginário**.

Com bonomia e bom humor, Keil do Amaral observa alguns temas da nossa vida quotidiana (a falta de tempo, e aceleração do ritmo da vida, o turismo...) O seu estilo simples e inteligente, cheio de bom senso e ao mesmo tempo de ironia, faz de «Quero entender o mundo» um livro de aprazível e útil leitura. Preço: 85\$00.

Iniciativas Editoriais acabam de publicar «A Socialização da Medicina», o 13.º título da colecção **Século XX-XXI**. A obra inclui textos de autores portugueses, brasileiros, franceses, ingleses, italianos, norte-americanos, vietnamitas, sobre o problema da socialização da medicina, e as experiências levadas a efeito neste sentido pela Inglaterra, os países nórdicos, a U. R. S. S., a China, Cuba e o Vietname.

Alguns desses textos atacam, outros defendem a socialização da medicina. A leitura desta antologia, sem dúvida, fará ganhar uma consciência rica do problema e das suas implicações. Sobre tudo isto, uma obra única entre nós — que sabemos —, mais nenhuma existe publicada sobre o tema da socialização da medicina.

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Em três noites

Na primeira, de 18 para 19, entre as 3 e as 4 horas, segundo se presume, estilçaram (com jeitinho!) o vidro da porta do estabelecimento «Electro-Batista», na rua 16 n.º 915, e foi um ar que lhe deu, nos electrodomésticos, no valor aproximado de 41 contos. A assinalar o facto desta casa ser assaltada pela 3.ª vez, denotando uma «queda» bem dolorosa para estes «negócios» em que tudo é prejuízo.

Na segunda noite, de 19 para 20, foram ao restaurante «Cabana» ali à beirinha da Praia da Seca, levaram algum dinheiro, uns cigarritos, e, como apertaram as «seguras» da emoção do assalto, beberam um sumo de frutas... Pelo andamento do «ratinho», parece tratar-se de alguém que conhece os hábitos da casa...

Na terceira noite, de 21 para 22, talvez algum amador fotográfico, que não gosta de pagar as despesas da sua preferência «artística», foi-se ao «Centro Fotográfico», sito na rua 62, e zás, lá se foram algumas máquinas fotográficas... Aqui, parece que vizinhos tentaram avisar a polícia, mas como não sabiam o n.º do telefone, atrapalharam-se, dando tempo a que o «artista» fotógrafo se escapasse.

Em três noites, quase seguidas, só com o intervalo de uma, desenrolou-se esta «fita» que nos dá que pensar, sobretudo quando vemos «outros», na televisão e no cinema, em que aparecem detectives formidáveis e uma polícia que não perdoa. Descontando a dos detectives infalíveis, que para isso é preciso muita organização e... imaginação, fica-nos a eficiência da polícia. É sobretudo esta que nos preocupa e força a interrogação: Onde está a nossa polícia?

Julgamos conhecer e adivinhar as dificuldades, mas é urgente, mesmo muito urgente, que se faça, se veja, algo de novo, para sossego de todos que andamos tão atrapalhados com a inflação...

PORTO-ESPINHO

Fruto da acção do Sindicato dos Ferroviários, serão estabelecidas duas novas circulações diárias entre Porto e Espinho com o horário seguinte: Porto-Espinho às 12,08 horas. Espinho-Porto às 13 horas.

Muito gostaríamos de noticiar brevemente a solução de tantas outras prementes situações dependentes da C. P. que em nada alinham com a «marcha» da nossa cidade, mas estamos a ver que só com a ajuda dum Poder Todo Poderoso é que lá vamos...

O NOSSO HOSPITAL

Pobre em muitos e variados aspectos. Mas desde nascença. Construído na base dos cortejos de ofertas nunca teve o apoio necessário das entidades governativas para poder fazer frente às suas evidentes necessidades administrativas, aliás assunto generalizado no país inteiro. Pobre ainda pela falta de médicos, também um mal nacional, para fazerem os serviços de urgência. E muito pobre pelas desde há muito mais que insuficientes instalações.

Paralelamente com toda esta pobreza emparceiram uma série de infelicidades que mais agravam a opinião pública, geralmente informada por cidadãos que necessitados dos serviços hospitalares não são atendidos convenientemente, ou o que é mais grave, não são atendidos.

Não sabemos por que sistema se rege o serviço de urgência no nosso hospital. Sabemos que há, diariamente, um serviço médico permanente. Mas também sabemos que muitas vezes o médico de serviço se ausenta do hospital por períodos excessivos. Ora um serviço de urgência, em que se pretende prevenir de

facto, uma fatalidade possível, com a presença médica, não pode, de maneira nenhuma, permitir que o médico se ausente.

Este é o aspecto mais infeliz no funcionamento do nosso hospital. Aqueles aspectos de alguns ou algumas enfermeiras ou pessoal administrativo não terem aquela atenção própria do pessoal dos estabelecimentos hospitalares já é de somenos importância... Em todos os aspectos é pois preciso reorganizar o Hospital de Espinho. E começar desde já a sua reorganização com uma penitência dos que nele colaboram. A medicina é uma profissão que deve transcender o materialismo profissional. Pelo menos devia ser...

E embora conhecedores da falta de médicos que sempre existiu, muito especialmente nos pequenos centros, uma honesta participação dos poucos que existem pode remediar, com valor, a precária situação existente. E o reconhecimento sincero dos necessitados compensaria, moralmente, essa tão necessária e digna colaboração.

Almeida Campos

ATROPELAMENTO

No passado dia 18 do corrente mês, a rua 19 desta cidade foi cenário de mais um estúpido e fatal acidente do qual saiu vítima o peão Francisco Rodrigues Moledo, solteiro, de 55 anos de idade, sem profissão, residente no lugar da Quinta da Freguesia de Anta. Atropelado por um auto-ligeiro, particular, GE-53-56 e conduzido por Manuel Laranjeira Gomes de Sá, casado, de 28 anos de idade, operário fabril e residente na estrada de Espinho-Anta, foi, o já citado atropelado, imediatamente transportado para o Hospital local onde recebeu os primeiros tratamentos, seguindo depois para o Hospital Santo António, no Porto, onde expirou. O condutor, após o desastre pôs-se em fuga da qual se saiu mal, pois a Polícia, mercê dos indícios deixados, logo o deteu, na sua residência, no dia imediato.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 17 a 24 do 9 de 1974

Internamentos Gerais	59
Exames Radiográficos	152
Crianças Nascidas	26

Intervenções Cirúrgicas :

Otorrino	12
Cirurgia Geral	15

Serviço de Urgência :

Homens	225
Mulheres	210

Internados, entre outros :

Maria José Pereira Rodrigues Ribeiro, de Argoncilhe, para Obstetrícia; Deolinda Oliveira Tavares Freitas, de Espinho, para Obstetrícia; Maria da Graça Amorim Figueiredo Oliveira, de Moselos, para Obstetrícia; Adelaide Pinto Ferreira, de Espinho, para Cirurgia; Miguel Rocha Amorim de Sousa, de Espinho, para Otorrino.

Alheiras

O «Leão do Café» comunica aos seus estimados clientes que a partir da próxima semana começa a nova Campanha das famosas alheiras de Mirandela.

Agradece

A Gerência do «Leão do Café»

CONSTRUÇÃO DE ABRIGOS NO APEADEIRO DE PARAMOS

Finalmente, a C. P. teve em consideração as justas solicitações para a construção dos abrigos no apeadeiro de Paramos.

A Comissão Administrativa da nossa Câmara facultou-nos o ofício recebido da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses com data de 1 de Setembro de 1974, cujo teor se transcreve :

Assunto: Construção de abrigos no apeadeiro de Paramos.

Acusamos a recepção do ofício de V. Exa. acima referenciado, informando que os abrigos em epígrafe foram considerados necessários e, até, de primeira prioridade.

Assim, estão em preparação os elementos para a realização de concurso, a fim de oportunamente ser o assunto submetido à apreciação e resolução da Administração desta Companhia.

Apresento a V. Exa. os melhores cumprimentos

O Eng.º da Repartição Norte

Francisco Bernardo

Ficamos imensamente satisfeitos pelo facto, certos de que está iniciado o processo, que confiamos seja de conclusão breve, para acabar com as lamentações dos utilizadores dos comboios neste movimentado apeadeiro.

INFORMAÇÃO

Para conhecimento do público interessado, se informa que a PSP, nesta cidade possui o telefone 920038. Uma informação que se julga muito útil às pessoas que desejem prestar a sua colaboração à repressão da criminalidade.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, Sábado, 28 — GRANDE FARMACIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092
Amanhã, Domingo, 29 — FARMACIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone 920352;
Segunda-feira, 30 — FARMACIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Tel. 920331;
Terça-feira, 1 — FARMACIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;
Quarta-feira, 2 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Quinta-feira, 3 — GRANDE FARMACIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Sexta-feira, 4 — FARMACIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO

Sábado, 28 — OS DOIS FILHOS DE TRINITA com Franco Franchi e Ciclio Ingrassia — 14 anos;

Domingo, 29 — «...E AGORA CHAMAM-LHE MAGNIFICO» com Terence Hill — 10 anos;

Segunda-feira, 30 — DOUTOR JIVAGO com Geraldine Chaplin e Omar Sharif — 18 anos;

Terça-feira, 1 — JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA com Jerry Lewis — 14 anos;

Quinta-feira, 3 — AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON com Michele Mercier e Jonh Mills — 18 anos;

Sexta-feira, 4 — TRES CRIMINOSOS com Robert Walker e Dianne Varsi — 18 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 28 — A RAPARIGA INVENCIVEL, com Mao Yng e Carler Wong — 18 anos;

Amanhã, Domingo, 29 — SE D. JUAN FOSSE MULHER, com Brigitte Bardot e Robert Hossein — 18 anos;

Segunda-feira, 30 — A FILHA DO ENGANO, com Fernando Soler e Alice Caro;

Terça-feira, 1 — ALFREDO, ALFREDO, com Dustin Hoffman e Stefania Sandrelli — 18 anos;

Quarta-feira, 2 — OS MALUCOS DA CASERNA, com Les Charlots — 14 anos;

Quinta-feira, 3 — ANTONIO E CLEOPATRA, com Charlton Heston e Carmen Sevilla — 14 anos;

Sexta-feira, 4 — COBRAS VENENOSAS, com Strother Martin e Heather Menzies — 14 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO :

Adelaide Cristina, filha de Manuel Fernando Marques Azevedo e de D. Laura Santos Oliveira Marques de Azevedo;

Maria Alzira, filha de Adão Bernardes da Graça e de D. Olga Maria de Jesus e Sousa Graça;

Helena do Céu, filha de Manuel Tomás Rodrigues de Freitas e de D. Deolinda de Oliveira Tavares Freitas;

Mónica Carla, filha de José Maria Rocha da Cunha e de D. Maria dos Anjos Henriques Pinto.

CASAMENTOS

EM GUETIM :

José Manuel Soares da Silva e Sá, com D. Rosa da Rocha Oliveira;

NA PRAIA DA GRANJA :

Manuel António Vieira de Sá, com D. Maria Elisa Polónia Ventura Pinto.

NO MONTE DA VIRGEM — GAIA

Manuel Pais da Silva, com D. Maria Emília dos Santos Gomes.

Colabore para uma cidade limpa

PORTA ABERTA

ESPINHO, 22-9-74

Há duas semanas, publiquei nesta secção, subornada ao título «Um Trovão que Ribombou a Falso», uma resposta a determinado depoimento do Sr. Prof. Trovão do Rosário, inserido no vespertino «República».

Mandei a «DE» ao Sr. Prof. Trovão do Rosário, com um cartão meu, pois, apesar de estarmos, aparentemente, em barreiras opostas, achei que, desportiva e democraticamente, ele devia ter conhecimento do meu escrito neste Jornal.

De resto, também tinha mandado uma carta para a «República» em 15.9.74, que só veio publicado em 22.9.74, juntamente já com a resposta do Prof. Trovão do Rosário, além de uma chamada especial sobre o assunto na 1.ª página do vespertino e o «fac-símile» de um cartão do Dr. Moreira Baptista, dirigido ao Dr. Armando Rocha, então Director Geral dos Desportos, que dizia integralmente o seguinte:

«Meu Caro Amigo:

Não sei se se lembra que sou de Espinho... Eu não sei se fui da Associação Académica da Terra, mas agora sou. Ora eles têm um problema, ou muitos problemas, que eu gostaria de ajudar a resolver e que nos conviria agora resolver. Trata-se do seu pavilhão ginmódico. Peço-lhe todo o seu interesse e apoio e que Deus lhe pague. Um abraço amigo. a) César Moreira Baptista.»

Terá sido esta a «cunha» metida pela Académica, para vencer a «perrice» do Dr. Armando Rocha, que queria um pavilhão descoberto, destinado a modalidades de recinto coberto, para mais numa terra de nortadas, de clima instável (como é próprio do norte), num local desprotegido e para desportistas, dos 3 até aos 8 e tã, fazerem desporto ao fim do dia e à noite!

Vencido pela «cunha», o Dr. Armando Rocha, «vingar-se-ia» depois, porquanto a Académica teve o seu pavilhão coberto e mais subsídio (o cartão fez subir a verba), mas quanto a aparelhagem de ginástica... nicles, apesar de anos e anos a mendigarem-na. Até, para risota, (ou gozo?), vieram as melhores tabelas de basquetebol do norte do país e balizas de andebol, modalidades que cá a AAE não pratica!

A «República» admira-se com a «cunha» e até comenta (sic): «Assim se construíam as instalações (e não só...) em Portugal».

Mas, por acaso, não se saberia que a «cunha» era «instituição nacional» neste país? Como se conseguiram as coisas? Estaremos a ser néscios? Ou a armar em puros e impolutos? Como, se não fosse a «cunha», se teria vencido a «perrice»?

Era talvez melhor, candidamente) não ter entrado um sistema nacionalizado e desistido da construção do pavilhão ou lutar por ele, com «cunhas» (como os outros e até os grandes clubes e os grandes cartolas) e tudo, para se fazer algo valioso em prol da juventude, educação física e desporto?

Coisas que, apesar das deficiências (congénitas pela falta de estruturação nacional a nível do Estado), se podem ver e têm valor.

Bom, deixemos, por agora, isso e vamos ao assunto de hoje, que é a trans-

crição (sic) da carta do Prof. Trovão Rosário, que me foi dirigida a título particular:

«Porque me encontro de férias só há pouco tive oportunidade de receber a sua carta e, simultaneamente, o cartão que me enviou.

De acordo com a resposta que a «República» entendeu publicar, terá já percebido que nunca seria minha intenção participar de discussões que não situassem no nível a que, com oportunidade, fez referência.

Também desta vez uma observação se justifica: o «aparecimento» do cartão do dr. Moreira Baptista não foi iniciativa minha, mas do próprio jornal.

Julgo saber que o assunto se terá esgotado para a «República» pelo menos no tocante ao interesse que um eventual prosseguimento se revestiria.

De qualquer modo, permanecerá à sua disposição em qualquer dos vários pontos onde luto por esta nossa causa. Com os meus cumprimentos

a) Trovão do Rosário»

Significativa. Esclarecedora. A merecer toda a minha simpatia. Obrigado, Sr. Prof. Trovão do Rosário. Fico a compreender «certas coisas». E lamento, como se procura imiscuir política e desporto, desta forma. Enfim... Processos.

De resto, perdoe-me o atrevimento da publicação da sua carta particular, todavia, dentro da minha maneira de ser, democracia e desportiva, para mais depois do «ataque» que fiz nestas colunas, não podia deixar de mostrar aos leitores da «DE» as palavras que escreveu, porquanto elas traduzem algo de importante da sua personalidade e ajudam a fazer-lhe justiça.

Sinceramente que, numa próxima oportunidade, não deixarei de trocar impressões com o Prof. Trovão do Rosário e, creia, podemos estar em barreiras opostas (que não parece ser o caso), no entanto, para mim, isso não impede que nos batamos pelas nossas causas, virilmente se for preciso, mas sem rancores e estendendo desportivamente a mão ao fim, se tiver havido honestidade e correção.

E termino, agradecendo a «Porta Aberta» mais esta possibilidade de se poder trazer a terreiros certos assuntos com interesse, procurando esclarecer o melhor possível os leitores e dando-lhe com a maior amplitude toda a sua sequência.

De resto, lamento que as pessoas não se habituem a «bater» à «Porta Aberta» mais vezes, expondo tantas e tantas coisas que seria conveniente saberem-se ou, do mal o menos, não recorram à Redacção do Jornal no sentido de as darem a conhecer, para serem inseridas nas colunas do periódico, de molde a virem a público ou até quem de direito, quando for caso disso.

Ajudava-se assim a conhecerem-se verdades, como a eliminar-se e corrigir-se muitas anomalias, sem esquecer a supressa e elucidação sobre determinadas pessoas, coisas e processos que, por vezes, à priori, enganam.

Os meus cumprimentos.

C. S.

GAZETILHA

VÍCIOS... VERBAIS

Chama-lhe «automatismos discursivos»
Sant'Ana Dionísio — esse cultor
Das letras pátrias, dos mais positivos,
Que as bem defende o ilustre Professor.

Verbera a epidemia de fonemas,
Estrilhos verbais, sem um sentido,
Que escritos ou falados, são apenas
O «português em crise», pervertido:

«— Ó pá, OK, pois; na medida em que
No contexto, o conflito se processa,
É sectorial, imperativo, se
Há facto irreversível que aconteça...»

Na conjuntura desta problemática,
São parâmetros, pois, de respeitar,
Se forem reversíveis na temática
De absoluto psitacismo a confirmar...

Aqui e agora; na agudização
E não só... desta terminologia,
Reivindique-se! e a infraestruturização
Equacionada está! Com mais-valia!—»

Pois... são estas e outras ecolálias
Em que a maleita do eufemismo brilha
As que eu dispus, como se fossem dâlias,
Há mais dum ano, numa «gazetilha».

Decerto hão-de os leitores recordar
Os versos que escrevi — e que demonstram
— Tirante a petulância do citar —
Que «desiguais espíritos se encontram»...

Alberto Barbosa (BEKA)

mulher. Ou coisa assim. Queixe-me ao Director Clínico do Hospital. Queria ir para os jornais. Mesmo para este onde, então, era redactor. Foram-me dadas satisfações e prometida a necessária acção. Mas... e de resto, nessa altura, tive de vir embora, sem que o meu familiar tivesse sido observado pelo médico.

7. Fui até à recepção. Pedi à funcionária-telefonista para me ligar a casa do Chefe da Secretaria. Ligou ou fez menção, mas não havia ninguém em casa. Desisti, pedindo que ligasse a casa do Director Clínico do Hospital.

8. Oh, céus! A funcionária-telefonista, disse-me peremptoriamente que não sabia quem ele era. Como? E demais eu não poderia atender ali o telefone. Se quisesse que fosse lá fora? Como?

9. A calma esvaíu-se. Falei alto. Protestei educadamente, mas de forma clara e forte. Era o cúmulo da paciência, ficar tranqüilo, impávido, sereno, ante quanto acontecia. Verdadeiramente insólito desde o princípio, depois com as intervenções insolentes dos funcionários.

10. Talvez pelo borborinho, quicá por coincidência, surge o enfermeiro. Diz que ali é um hospital, bico calado e... esperem se quiserem! Mais um! Hospital? Perguntei-lhe onde, então, estava o «serviço de urgência»?

11. Discutimos e, depois, trocamos impressões. Disse-lhe que a telefonista não sabia, nem queria, ligar para o Director Clínico do Hospital. Ordenou que o fizesse. Fê-lo, todavia afirmou que ele não estava em casa. Esclarecemo-nos, eu e o enfermeiro, mais uma outra pessoa que me acompanhava.

12. O enfermeiro começou a ver claro e de que lado estava a razão. Resolveu agir e atender os pacientes, naquilo que fosse do seu arbítrio, até chegar o clínico. De resto, na sala de espera, as pessoas protestavam e o funcionário-porteiro blasfemava asneirosamente.

13. As 21 horas, pontualmente, chegou o médico do novo turno. Ele e o enfermeiro (passada neste a reacção inicial), atenderam com eficiência os doentes que, há meia hora, esperavam no «Serviço de Urgência» do Hospital de Espinho!

14. Como pode ser isto? Faltou o médico ao turno (de várias horas!) respectivo e não é substituído? Num «serviço de urgência»? Chega lá uma pessoa a requerer os cuidados clínicos imediatos

e morre? Brinca-se assim com a vida humana? Em que tempo vivemos?

15. Chegam doentes com possíveis fracturas, lábios abertos, cabeças rachadas, com dores, gemendo, sofrendo, cheias de pavor, de nervoso, etc. e esperam até haver médico? Num «serviço de urgência»? Como é?

16. Ah, se for um caso muito grave chamamos outro médico que está de prevenção! Mas, quem avalia da gravidade? O enfermeiro (que teve a honestidade de afirmar, perante o pé do meu filho, não ser da sua competência)? O funcionário-porteiro, de olho clínico especial, ao que se vê?

17. Mas, a gravidade do mal espera, até vir o médico de casa? E se for de morte, a precisar de acção imediata? De quem é depois a responsabilidade? De ninguém! Pois, o mal é de quem «bate a bota» e quanto às sanções e às consciências dos verdadeiramente responsáveis, temos dito. Quem se rala com isso? Ética, idoneidade, profissão sagrada, etc., etc., são termos lindos. Só isso. A maior parte das vezes só entrar na prática quando cheia a grossas somas!

18. Pela segunda vez me aconteceu. Eu, agora, peço e espero, um inquérito. E as conclusões. E decisões. Sou testemunha. Apresento testemunhas. E, de resto, basta consultarem as fichas das pessoas atendidas nesse dia e a essa hora. Serão mais um ror de testemunhas.

19. Está mal, tem de se corrigir. Não é um caso virgem, nem uma situação para se brincar com ela. Um «serviço de urgência» deve ser um caso tomado muito a sério!

20. Insólito. Inadmissível. Incompreensível. Lamentável. Triste. Como espinhense, lamento e insurjo-me! Como recorrente ao «serviço de urgência» para um familiar, volto a lamentar e a insurgir-me. Por mim e por todos quantos estavam naquela altura na sala de espera.

21. Que não sabem ou não podem por assim o caso (real, verídico, testemunhável) nas colunas duma secção destinada a apontarmos as anomalias e a exlirmos a quem de direito «acção devida», ao tomarem delas o conhecimento, após o inquérito que terá de existir. E cuja conclusão deveria ser publicada nesta coluna, na devida oportunidade, para defesa e prestígio do nosso Hospital.

CARLOS SARRIA

INCRÍVEL! SERVIÇO DE URGÊNCIA NO HOSPITAL DE ESPINHO A FUNCIONAR SEM MÉDICO!

1. Setembro, 5.ª-feira, dia 19, horas: 20.30. Local da cena: Hospital de Espinho, «Serviço de Urgência».
2. Chego lá, com o meu filho, a necessitar de cuidados médicos, por suspeita fractura num pé. Sala de espera do «Serviço de Urgência», com diversas pessoas, aguardando vez.
3. Pergunto: está lá médico? Não! Foi a resposta das pessoas que aguardavam. Chega mais alguém e toca a campainha. Vem o funcionário-porteiro. Peço-lhe o médico. Eu pergunto. Ele responde: só às 21 horas! Esperem — diz lacónico!

4. Estranho e quero saber o porquê. O médico de serviço faltou. O do próximo turno entre às 21 horas. Esperem! Determinou o funcionário-porteiro, outra vez. Num «Serviço de Urgência» ao qual se acorre por necessidade imediata. E já eram meia dúzia de doentes na sala.
5. Peço o enfermeiro. O funcionário-porteiro, olha doutoralmente para os pacientes e decreta: não são casos de enfermeiro! Esperem se quiserem!
6. Não resisto! Não compreendo! Demais, há um ano atrás, aconteceu-me caso idêntico. A um domingo. O médico de serviço tinha ido jantar fora com a

A prevenção no lar

Se bem que todos sabemos que a prevenção é imprescindível em todos os locais de trabalho, nem sempre nos lembramos, porém, que ela deve começar na nossa casa. Aqui há que salvaguardar a vida dos nossos familiares e podem crer que os perigos em casa não são assim tão poucos!

Assim, aqui indicamos alguns conselhos que lhe podem ser muito úteis:

— Ponha protecções em todas as tomadas de corrente para evitar que as crianças lá introduzam objectos ou os próprios dedos.

— Não improvise escadas com caixas, objectos sobrepostos, etc., que podem provocar quedas.

— Para fazer funcionar qualquer electrodoméstico, ligue primeiro o cabo ao aparelho e só depois à tomada de corrente.

— Jamais esqueça de desligar o ferro eléctrico depois de utilizá-lo. Muitos incêndios começaram por este descuido.

— Para mudar lâmpadas ou fusíveis, ou fazer qualquer trabalho na instalação eléctrica da sua casa, desligue primeiro o quadro.

— Conserve os cabos das panelas voltados para o centro do fogão, a fim de evitar que as crianças lhes mexam e possam ser atingidas pelo seu conteúdo a ferver.

— Mantenha os fusíveis da sua instalação com a capacidade adequada. Nunca use um fusível de voltagem superior; os fusíveis são os protectores da sua casa.

— Feche as torneiras do seu fogão depois de o usar e verifique sempre se há fugas.

— Fósforos, isqueiros, garrafas, tesouras, facas e lâminas são objectos extremamente perigosos para se deixarem ao alcance das crianças e constituem objectos das suas brincadeiras.

— Não deixe os produtos de limpeza ou remédios em locais abertos ou de fácil acesso. As crianças sentem-se sempre atraídas por eles e todos sabemos que podem matar.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Tapetes para automóveis

Por cada jogo de tapetes oferece-se uma cassette ou cartucho com música gravada

ALCATIFAS, CARPETES e TAPETES

— Rua 22 n.º 1190-1192 —

Telefs. 922171/921556 — ESPINHO

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194 —

ALUGA-SE

UM OU DOIS QUARTOS

Em casa particular, de todo o respeito. A dois cavalheiros ou a duas meninas, estudantes ou professores.

Carta ao n.º 61

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt. — Tel. 402219

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

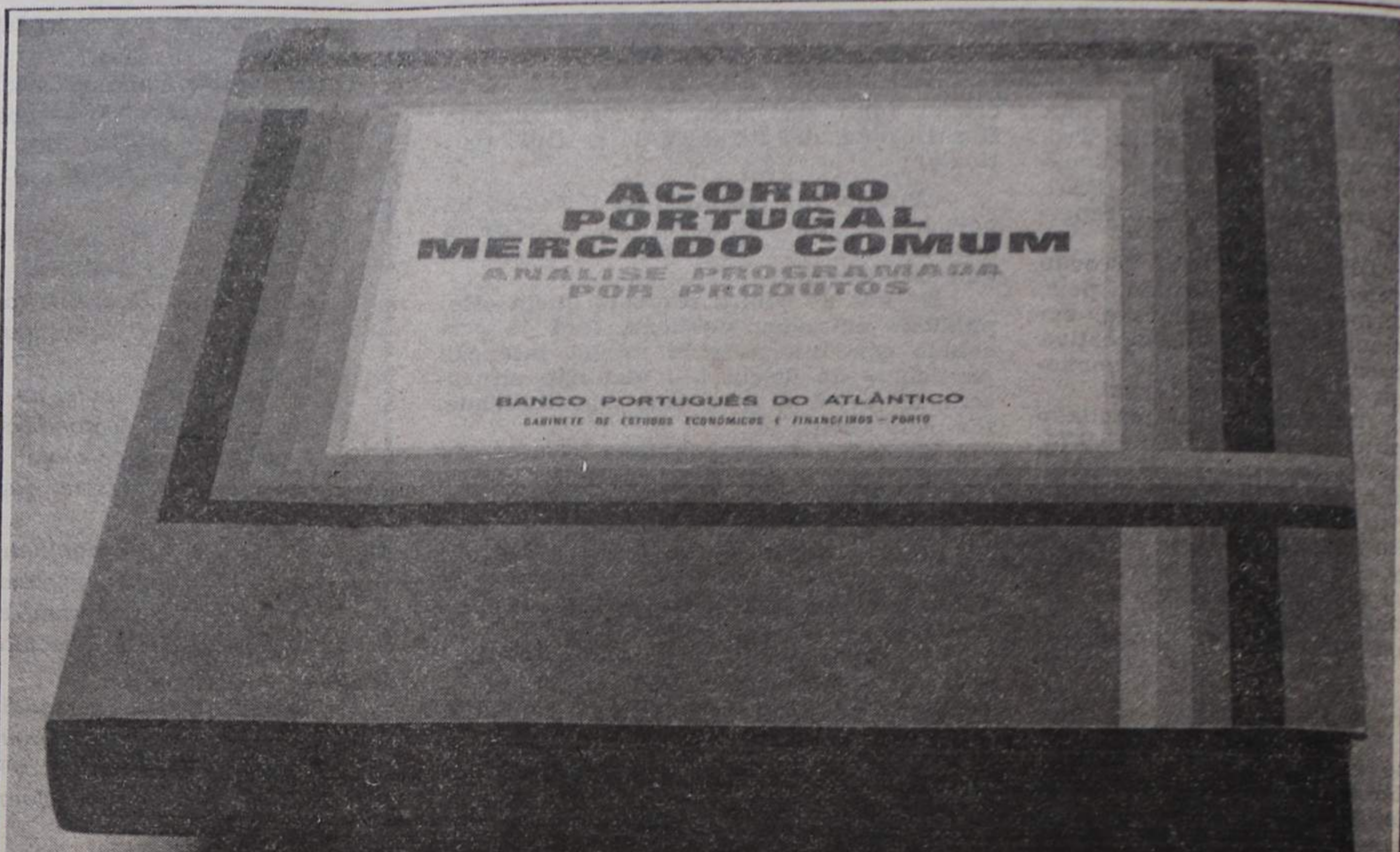
ESPINHO

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335

ESPINHO



ESTE LIVRO CONTÉM RESPOSTAS

Respostas àquelas perguntas que todos os exportadores fazem quando pensam no Mercado Comum.

«ACORDO PORTUGAL MERCADO COMUM — Análise Programada por Produtos».

Uma obra que o Banco Português do Atlântico elaborou, publicou e está a distribuir a todos os que têm interesses em relação à CEE.

Nas páginas do «ACORDO PORTUGAL MERCADO COMUM — Análise Programada por Produtos» estão explicadas as estruturas do articulado geral e de cada um dos Protocolos do Acordo. Ali estão os conceitos e os termos técnicos indispensáveis à sua compreensão. Os produtores portugueses são informados sobre a documentação ne-

cessária ao trânsito de mercadorias — os certificados de origem — e sobre os auxílios com que podem contar as actividades exportadoras nacionais.

Os interessados saberão facilmente qual o regime de direitos aduaneiros que se aplica ao seu produto, consultando um diagrama sequencial que os conduz ao resultado que procuram.

No final, com o apoio a tudo o que está explicado, são apresentados os textos dos Acordos com a CEE e com a CECA.

Sirva-se deste instrumento que é mais um serviço do BPA.

O nosso trabalho é este mesmo: progredir apoiando.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

apoio firme

ao trabalho nacional



Um olhar sobre antigos acontecimentos

OS DESPORTOS DOS PESCADORES

Os pescadores também tinham os seus desportos e bem variados. Não descuravam a sua preparação física a quando das horas de lazer.

Um dos mais aliciantes era a «Chocca» modalidade precursora do actual Hóquei em Campo, com certas variantes, como é óbvio.

Na Póvoa do Varzim chamava-se «Bolada» e jogava-se nas ruas, mas em Espinho, praticava-se tão somente na praia. Os paus, tipo «stick» do Hóquei com uma extremidade em curvatura, a formar a «pata», lá tinham o nome da «Cacheira», aqui «Camona». Quanto às bolas a usar, enquanto na referida Comunidade empregavam o peão sem bico, na nossa, a bola era de madeira torneada ou de cortiça grossa.

Como é natural apareciam rapazes que se distinguiam, quer pela corrida quer pela habilidade, e por isso era consentido que o maior número destes pertencesse a um partido. Ora tanto numa como na outra das comunidades o processo de organizar os partidos era o mesmo. As «camonas» juntavam-se e, um jogador de olhos vendados — pois só desta maneira os mais fortes ficariam divididos — separava-as alternadamente, para a esquerda e para a direita, equilibrando assim o mais possível as duas forças!

O espaço onde se desenvolvia o jogo dependia do número dos jogadores e estes não tinham propriamente limite, mas nunca excedendo mais de uma dúzia, julgando-se contudo com qualquer número inferior a este mas igual para os dois lados. A posição dos jogadores não era frontal — como no futebol — mas sim em paralelo e escalonados em pequenas distâncias.

Não havia baliza, mas sim méta, representada por montes de areia. Quando a bola de um ou outro grupo passava a linha dos montes, gritava-se «Dalém» que significava: jogo ganho! O partido que ganhasse ficava com o direito de pinar a bola, como ainda se mudava de posição e assim sucessivamente!

Não havia também número certo de jogos a atingir, nem duração de tempo estabelecido. Contudo era permitido fazer substituições e também não se usavam árbitros!

A regra mais dura consistia no seguinte: Quando um jogador fosse encontrado a agir no lado contrário, podia levar com a «camona» no «rabo», gritando alto: — guarda derro — e nada tinha a refilar, pois além disso ainda provocava gargalhada geral!

Cada um tinha que acautelar as canelas, pois o jogo, por vezes tomava foros de violento, quando na disputa da bola! Mas diga-se em boa verdade que todos aceitavam e sofriam as consequências advindas do jogo!

Naquele tempo tínhamos uma praia muito espaçosa e quando o mar em maré cheia estendia as ondas, além de alisar a areia tornava-a mais dura e como todos os jogadores andavam descalços, o piso mantinha-se por longo tempo em bom estado para o jogo!

A «Chocca» era pois, um jogo aliciante que a gente do mar herdou de gerações distantes e, segundo A. Graça, muito querido dos poveiros em épocas remotas!

Falta dizer que as «camonas» eram feitas de rancos tirados dos arvoredos, existentes com exuberância nos vales que limitavam as fronteiras de Espinho e cortados muitas vezes, de noite, porque os lavradores não estavam de acordo com tais actos furtivos. Mas, as «camonas» apareciam!...

Outros divertimentos se usavam e por sinal bastantes interessantes e profícuos para o desenvolvimento dos rapazes, como: a Barra — jogo de corrida e destreza; o Eixo — exercício vigoroso e de agilidade; a Bilharda — que proporcionava longos canixos, às costas dos que perdiam as jogadas, mas também o terror dos vidros dos candieiros da iluminação pública, em que a polícia por vezes intervinha; os célebres «Fogareiros» — desporto nocturno de grande atracção para os rapazes autorizados a andar de noite, que constavam de «pequenas» latas, com abertura tipo fornalha e cheios de brasas acesas, e que presas a arames, se redopiavam no ar, nas noites escuras, produzindo efeitos maravilhosos. Eram lindos os variados desenhos feitos em corrida com as luzes a aparecer e desapare-

FÉRIAS COM A FNAT

Entende a F. N. A. T. dever proporcionar aos trabalhadores portugueses uma mais racional utilização dos Centros de Férias de que dispõe (Entre-os-Rios, São Pedro do Sul, Foz de Arelho, Costa da Caparica e Albufeira) e neste sentido deliberou mantê-los em funcionamento contínuo durante todo o ano, aceitando desde já inscrições dos presumíveis interessados em frequentá-los para além da época estival, geralmente a mais afeita pela generalidade dos utentes.

Com efeito, invocando as datas tradicionalmente maicadas para férias escolares ou férias profissionais, a situação actual mostra-nos uma muito pronunciada concentração das mesmas nos meses de Julho, Agosto e Setembro, provocando um autêntico estrangulamento da capacidade de alojamento e de alimentação dos Centros da F. N. A. T. naqueles três meses, os quais, por evidentes razões de congestionamento no período alto de verão nem sempre podem funcionar satisfatoriamente.

Apesar de alguns esforços feitos no sentido de mentalizar as pessoas para um maior escalonamento das férias, aquela obstinação é tão forte que constitui autêntica barreira psicológica quando — bem vistas as coisas — uma boa parte da população adulta poderia gozá-las sem a sujeição àqueles imperativos.

Com efeito, os períodos de Abril, Maio, Outubro e até no inverno — Janeiro a Março — são igualmente válidas para que as férias resultem como necessidade imperiosa da vida moderna. Aliás, podendo as férias representar um papel periódico de reequilíbrio e tranquilidade, deveriam preferentemente ser fraccionadas ao longo do ano, garantindo assim uma melhor reparação da fadiga, diversificando os Centros de interesse e escalonando os períodos de repouso.

cer em «nuances» feéricas que os rapazes tanto apreciavam!

Outros jogos havia, que seria fastidioso enumerar, e no entanto tudo foi desaparecendo, tal como a fartura de peixe, como se tudo se apostasse a tornar mais infeliz tão humilde gente!

Num mundo em vertiginosa evolução, o que então existia de bom e de belo, a que o povo tanto se afeiçoava na sua singeleza de viver, tudo vai passando.

J. TATO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

DUARTE, OLIVEIRA & COMPANHIA, LIMITADA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura desta data, lavrada neste cartório de folhas 85 verso a 87 do livro de notas para escrituras diversas A.38, Rosa Dias de Magalhães e João Fernando Paulino Campos cederam a António Duarte Gonçalo as quotas de 80 000\$00 que cada um possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a firma «Duarte, Oliveira & Companhia, Limitada», com sede na Rua 62, 826, desta cidade.

E que foi alterada a redacção dos artigos terceiro e sétimo, que ficam como segue:

ARTIGO TERCEIRO — O capital social, em dinheiro, é de 400 000\$00 e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: — uma de 240 000\$00 do sócio António Duarte Gonçalo e uma de 160 000\$00 do sócio Alberto Soares de Oliveira.

ARTIGO SETIMO — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por ambos os sócios que desde já são nomeados gerentes.

PARAGRAFO PRIMEIRO — Os actos de mero expediente poderão ser firmados por um gerente. Nos actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade, porém, a representação será feita por ambos os gerentes.

PARAGRAFO SEGUNDO — É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contractos estranhos ao objecto da sociedade, nomeadamente letras de favor.

PARAGRAFO TERCEIRO — Qualquer dos sócios pode fazer-se representar nas suas funções de gerente por procurador à sua escolha.

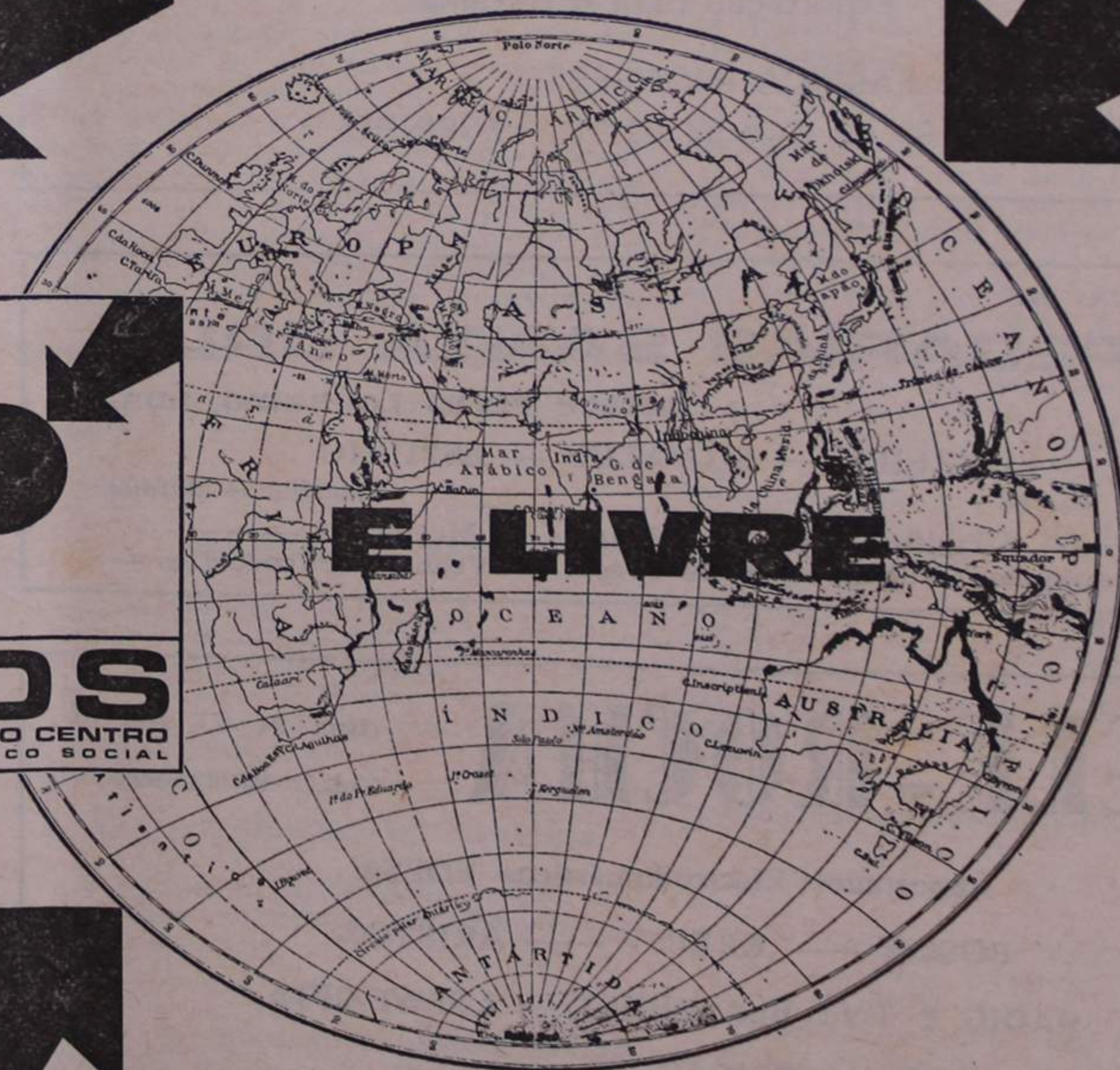
Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 18 de Setembro de 1974.

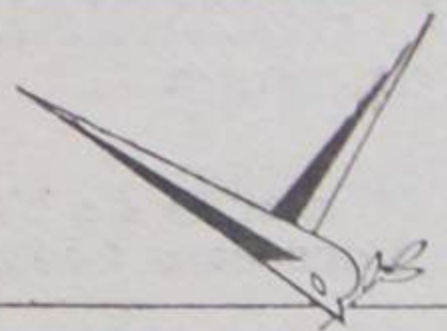
A Ajudante do Cartório,

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

AO EMIGRANTE TAMBÉM



QUEREMOS RESPONDER



O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

FÁBRICA PROGRESSO

Manuel Francisco da Silva & C.a L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gaz

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele { gramas: FÁBRICA PROGRESSO
P .P. C. 92 00 27 e 92 02 57 — ESPINHO

FÁBRICA DE

TAPEÇARIAS SANTA CRUZ

— IRMÃOS PINTO LOUREIRO, LDA.

LOUREIRO — SILVALDE — ESPINHO

Telefone 920708

Residência 921409

— Alcatifas, Carpetes Manuais e Mecânicas —
— Colocação de Alcatifas — Bons Preços — Venda a Particulares —

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS • ALCATIFAS

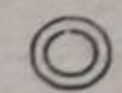
PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de

HENRIQUES & IRMÃO, L.ª



APARTADO 22

TELEFONE 922193



ESPINHO

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

SNACK BAR **S. PEDRO**

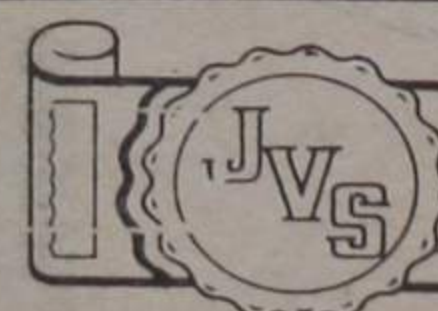
RESIDENCIAL **PORTO**

Aberto toda a noite com cozinha permanente

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

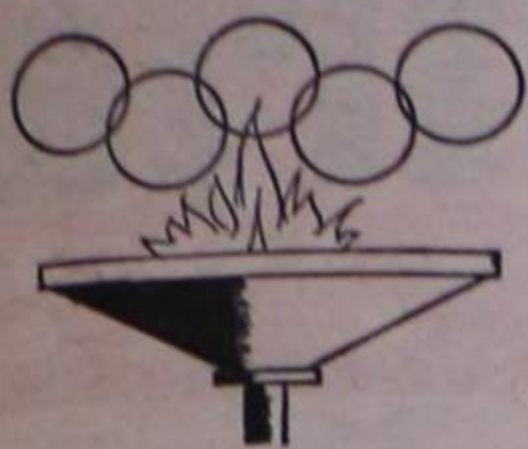
ESPINHO



Decoracoes Lider

TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO



desporto



Filial do Sp. de Espinho na Venezuela Bravíssimo, espinhenses venezuelanos!

Projectadas para plagas longínquas mercê das incidências da vida, as pessoas sentem nesse exílio, semi-voluntário, semi-forçado, a nostalgia das coisas do seu torrão natal, com uma premência muito especial e procuram, a todo o transe, fomentar laços de união com a sua terra distante, nos mais variados aspectos.

Lá pelas paragens de Simon Bolívar, onde proliferava uma vasta colónia de «venezuelanos»-espinhenses, as gentes vareiras e arreigadas ao «nosso» Espinho — neste caso Espinho cidade e Espinho Clube — acabam de demonstrar à sociedade o seu interesse em continuar vinculados aos ares fortes e saudáveis da maresia, como o seu propósito de ajudar, e fomentar, as coisas do burgo que não esquecem e vivem neles bem latente.

Na Venezuela, propriamente em Caracas, nasceu um Clube — o «Espinho Viva» — gerado pelos nossos «vareiros» natos e adoptivos, que se propõe fazer desporto e defender o pendão espinhense por aquelas paragens, sendo um lídimo representante de Espinho algures, no mundo.

Ora, a nóvel Colectividade, para além disso, quer usar as cores do «velho» Sporting e, mais, deseja ser a sua primeira filial! A Direcção do Sporting de Espinho, a quem oficiaram, acolheu com particular carinho e interesse a ideia e já respondeu à sua futura filial, afirmando que, brevemente, patenteará esse desejo à Assembleia Geral do Clube que,

como é incontroverso, o secundará com o maior entusiasmo.

Mais, sugerimos até que, se os Estatutos autorizarem, o assunto seja a alínea primeira da Assembleia Geral que, obrigatoriamente, se terá de realizar no dia do aniversário — 11 de Novembro, para festejar agora o 60.º —, pois a data ficaria assinalada com a «paternalidade» da filial n.º 1 da história do Sporting de Espinho.

Assinale-se, ainda, que, ao mesmo tempo, os espinhenses «venezuelanos» enviaram ao Sporting de Espinho um cheque de 1 630 dólares (cerca de 43 contos) destinados à compra de um jogo completo de equipamentos para a turma de futebol.

Dispensável é encarecer tal gesto, como dar relevo à criação duma colectividade espinhense na Venezuela, porquanto uma e outra expressam bem o arreigado espírito de saudosismo, bairrismo, interesse e afeição das gentes de Espinho nas terras de Simon Bolívar, quer seu torrão natal, pelas coisas do nosso burgo, como pelo desejo de as impulsionar e levantar o seu pendão algures no mundo.

O Espinho valente! — como diria o Ti Alcino Caréu — apetece dizer, perante a atitude dos nossos conterrâneos naturais e adoptivos que, lá longe, vivem e sofrem a sua terra e as suas coisas.

C. S.

FUTEBOL

Nacional da 1.ª Divisão

Atlético C. Portugal, 2 — S. C. Espinho, 1

3.ª Jornada

ATLÉTICO — Gaspar; Esmoriz, Candeias, Horta e Franque; Vasques, Moniz e Nogueira; Prieto, Guerreiro e Vieira.

GOLOS: Prieto (4 m.) e Moniz (87 m.).

Substituições: Vieira cedeu o lugar a Martins, aos 60 m. e Avelar, aos 73 m., substituiu Franque.

ESPINHO — Aníbal; Bernardo da Velha, Waldemar, Simplício e Gonçalves; Bené, Washington e Júlio; Augusto, Telé e Malagueta.

GOLO: Augusto (16 m.).

Substituições: Aos 70 m. Meireles entrou para o lugar de Washington e aos 75 m. João Carlos rendeu Júlio.

Arbitragem: do setubalense Sebastião Pássaro, que aos 59 m. mostrou o cartão amarelo a Simplício.

Final o Estádio da Tapadinha não foi talismã para o S. C. Espinho, como admitiamos na passada edição da Defesa de Espinho. Perder a menos de 5 minutos do fim constitui falta de sorte, o que não quer dizer que sempre se justifique a roda da fortuna. Mas neste caso até se pode dizer que ao S. C. Espinho não ficava mal que a sorte do jogo o protegesse até final. O empate não escandalizaria a verdade do jogo. Fosse ele decidido por pontos, a exemplo do que acontece no boxe, e com certeza que o júri haveria de decidir a repartição da pontuação.

Sofrendo um golo aos 4 minutos e o domínio alcantarense aí até aos 10 minutos de jogo, o S. C. Espinho começou então a superiorizar-se ao Atlético e foi na sequência do seu melhor jogo que o tento da igualdade surgiu. E foi pena que os avançados espinhenses não aproveitassem logo a seguir uma das várias oportunidades que tiveram para desempatar o desafio. A equipa da Costa-Verde estava na altura a desenvolver um futebol mais ligado que a opositora, progredia com mais facilidade no sentido da

I. SAGRES — Pais; Pinto, Rui, Motta Delfino e Ribeiro.

Intervalo — 1-0.

Classificação Final

- 1.º — Valongo;
- 2.º — Infante de Sagres
- 3.º — A. A. de Espinho
- 4.º — F. C. do Porto
- 5.º — Juventude Pacense
- 6.º — Académico

A. A. DE ESPINHO EM NOTICIA

A equipa de Infantis de Hóquei em Patins, vai participar no Campeonato Regional do Porto.

★

A R. T. P. esteve no passado dia 20, no Pavilhão da A. A. E., com uma equipa de reportagem chefiada pelo conhecido entrevistador Amadeu José de Freitas. Foram entrevistados o seccionista de Voleibol, Jorge Monteiro e o Treinador dos iniciados, Teixeira.

Foram focadas algumas considerações sobre o 1.º Torneio de Verão de Voleibol Juvenil e da actividade actual desta secção. Também foram filmadas algumas passagens dos treinos de Voleibol que decorriam no Pavilhão.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da II Divisão

Final (1.ª mão)

A. A. DE ESPINHO, 7
PAREDE (Lisboa), 5

Árbitro — Carlos Paraty (Comissão Distrital do Porto)

A. A. E. — Diamantino; Martins, Vladimiro, Alcino, Sobral, Raúl, Lacerda e Jorge.

PAREDE — Eloy; Leitão, Gomes, Américo, Leal, Filipe, Amílcar e Santos.

Intervalo: 6-3.

Marcaram pela A. A. E. — Vladimiro (2), Alcino (1), Raúl (2), Lacerda (2)

Aproveitando a vinda ao Porto da equipa de futebol do Sporting, a equipa do Paredede fez-se acompanhar por uma grande e ruidosa falange de apoio. O jogo principiou com a equipa local lançada de liberadamente ao ataque e quando ainda era decorrido apenas um minuto, Vladimiro marca o primeiro golo da sua equipa.

A equipa do Paredede não se encontrando nos primeiros minutos da partida, não conseguiu evitar que os espinhenses aumentassem a sua vantagem para 4-0. Tudo faria prever que os locais goleariam o seu adversário, mas estes reagiram e conseguiram reduzir para 4-1, com um golo de belo efeito. Apesar do domínio dos locais, foram obtidos mais dois golos para cada lado, terminando a 1.ª parte com o resultado em 6-3, algo injusto para a equipa da casa, que merecia maior diferença no marcador.

A segunda parte foi muito equilibrada, procurando a Académica de Espinho segurar o resultado, pois a condição física dos seus atletas não admitia altos voos. O jogo terminou com o resultado em 7-5, o que premeia a excelente 1.ª parte da Académica e o labor da aguerrida turma de Paredede. Hoje disputa-se a 2.ª mão no campo do Paredede. A diferença de 2 golos que os locais levam, não são nada animadores, mas confiamos que se jogarem, como fizeram na 1.ª parte do jogo disputado no seu campo, poderão regressar de Lisboa com o título máximo do Nacional da 2.ª Divisão.

TORNEIO FRANCISCO CALDEIRA

Terminou no domingo passado o torneio de Infantis, organizado pela Associação Académica de Espinho em colaboração com a Associação de Patinagem do Porto, denominado «Torneio Francisco Caldeira».

Excelente propaganda da modalidade, feita por um Clube de modestos recursos, mas que nos últimos tempos tem acarinhado de uma forma especial as classes jovens.

Iniciativa de louvar, mas que não podemos esquecer de referir o contributo do sempre jovem Vladimiro Brandão, que se tem dedicado com grande entusiasmo e saber à Escola de Jogadores.

Depois da entrega de taças a todas as equipas concorrentes e medalhas a todos os participantes, foi oferecido um beberefe na sede do Clube, tendo usado da palavra o Presidente da A. A. E., Dr. Álvaro Rocha que agradeceu a presença dos clubes e a colaboração prestada pela A. P. do Porto e Comissão Distrital de Árbitros do Porto. Também os seccionistas do F. C. do Porto e Infante de Sagres agradeceram o honroso convite feito às suas equipas. Por fim falou Vladimiro Brandão que fez o elogio de Francisco Caldeira, nome a que foi dedicado o torneio.

Resultados:

Apuramento do 5.º e 6.º lugares

PACENCE, 6-ACADÉMICO, 0

3.º e 4.º lugar

A. A. DE ESPINHO, 5
F. C. DO PORTO, 2

A. A. E. — Brito; Sousa, Silva, Gil, Salvador, Paulo, Sá e Vitor.

F. C. P. — Luís; Amaral, Mário, Amorim, Jorge, Pinto, Martins e Neto.

Intervalo — 3-0.

FINAL

VALONGO, 4-I. SAGRES, 0

VALONGO — Silva; Santos, Fonseca, Victor, Nunes, Almeida e Fernando.

ballza contrária, nitidamente à conquista de golos, mentalizada que era a vitória que lhe interessava.

Velo a 2.ª parte e com ela o período fraco da exibição espinhense que começando a ceder fisicamente e forçada a alteração do xadrez da equipa com a saída, principalmente, de Júlio, permitiu que o Atlético, mais em força do que em jeito, procurasse os 2 pontos em disputa. Os lisboetas, contando também com o «handicap» do vento a favor, lançaram-se abertamente ao ataque nos últimos 15 minutos do jogo e foi então que obtiveram o tento da vitória, quando a maior parte dos jogadores espinhenses se arrastavam pelo campo com evidente «falta de pernas» para aguentar, ou pelo menos estorvar, a acção dos seus opositores.

Anota-se a exibição irregular de Aníbal. O jovem guarda-redes, que duas épocas passadas em serviço militar no Ultramar nada beneficiaram na sua rotação, ainda não atingiu o apuro de forma que está ao seu alcance. O médio Washington parece, por vezes, demasiado interessado em resolver os problemas de jogo mais em falta do que com base na técnica que dá mostras possuir e Bené é pena que já não tenha a mesma caixa-de-ar de há duas ou três épocas passadas. Na frente, o brasileiro Telé voltou a confirmar boas características de jogador, o que tarda é a pôr o verdadeiro sinal positivo nas suas actuações, pois já vai no 3.º jogo sem marcar qualquer golo, ele que foi o goleador de serviço na época passada.

No conjunto a equipa mostra-se esclarecida no processo como deve actuar. Que a preparação física venha, o mais depressa possível, contribuir para o aumento de rendimento desejado.

4.ª JORNADA — Campo da AVENIDA

S. C. ESPINHO — U. DE TOMAR

Os espinhenses vão defrontar nesta 4.ª jornada do Nacional da I Divisão os representantes do clube com que no final da época passada disputaram o título da 2.ª Divisão. Mais um jogo entre primodivisionários.

Frente a frente duas equipas com o mesmo número de pontos, embora conquistados de forma diversa. Os espinhenses alcançaram os seus 2 pontos jogando em casa, enquanto que os tomarenenses os somaram a jogar fora. E a jogar fora o União de Tomar é capaz de se comportar melhor do que em casa, pois dispõe de melhor defensiva do que ataque com o regresso de Calado (ex-Belenenses) e a aquisição de Zeca (ex-Benfica e Oriental), dois centrais que parece estarem ainda na posse de boas condições físicas e técnicas.

Por certo que o S. C. Espinho encontrará o antídoto para contrariar o esquema dos pupillos de Artur Santos. Não faltam aos espinhenses trunfos para exhibir. Confia-se na sua superioridade e que ela se traduzirá por um resultado positivo.

LUGARES CATIVOS NO «AVENIDA»

Foi lançada a campanha dos lugares cativos na nova bancada do Campo da Avenida e, de tal sorte essa iniciativa teve acolhimento favorável, por parte dos associados do Sporting de Espinho, que restam poucas vagas para quantos ainda estarão interessados em possuir lugar certo, contribuindo com 500\$ ou 1.000\$, consoante a reserva for por uma ou duas épocas.

A «nova» bancada e o sector dos «cativos» inauguram-se em 27 de Outubro, precisamente no encontro contra o Benfica, um dia de casa a transbordar com certeza, no qual os «felizardos» que conseguirem ainda obter o seu lugar marcado não terão problemas de alojamento.

MDE/S: OBJECTIVO, DIMENSÃO E PERSPECTIVA

O tema

Há cerca de um mês que um grupo de 14 capitalistas portugueses constituem o Movimento Dinamizador Empresa/Sociedade (MDE/S), que se propõe transpor para os empresários, para os detentores das pequenas poupanças e para os próprios consumidores um estado de espírito confiante na evolução para uma democracia institucionalizada do tipo europeu ocidental.

Comentário

«Um volume de investimentos de 120 milhões de contos num prazo de 5 anos, o qual não representa nada de excepcional em relação a um passado ainda muito recente, quando não se respeitava qualquer regra do jogo (agora tão apregoada) as empresas privadas dedicaram para formação bruta de capital fixo cerca de 24 milhões de contos (ano de 1972). Uma simples conta de multiplicar: 5 (anos) X 24 (milhões) = 120 milhões aponta para um número idêntico ao apresentado.

Ainda, em relação a este ponto é necessário relembrar que o sector privado sempre investiu insuficientemente, de modo que o montante de 120 milhões não representa qualquer melhoria em relação ao passado. Além de que não se sabe, por deficiente informação do MDE/S, se esse montante é todo ele formação bruta de

capital fixo, investimento totalmente reprodutivo. Por outro lado quem analisar as folhas indicativas dos projectos verifica que estes em termos de realização ultrapassam, em muitos casos, os cinco anos.»

capital fixo, investimento totalmente reprodutivo. Por outro lado quem analisar as folhas indicativas dos projectos verifica que estes em termos de realização ultrapassam, em muitos casos, os cinco anos.»

E o comentarista finaliza:

«Estes alguns comentários a fazer em relação ao montante indicado, que dado o seu aparente volume teve um impacto enganador junto do público desconhecedor da relatividade dos grandes números e ainda pouco habituado a defender-se de manobras publicitário-demagógicas.

Com tudo isto não se quer menosprezar a intenção, mas apenas colocá-la e apresentá-la com a sua verdadeira dimensão.» (1)

Intermédio

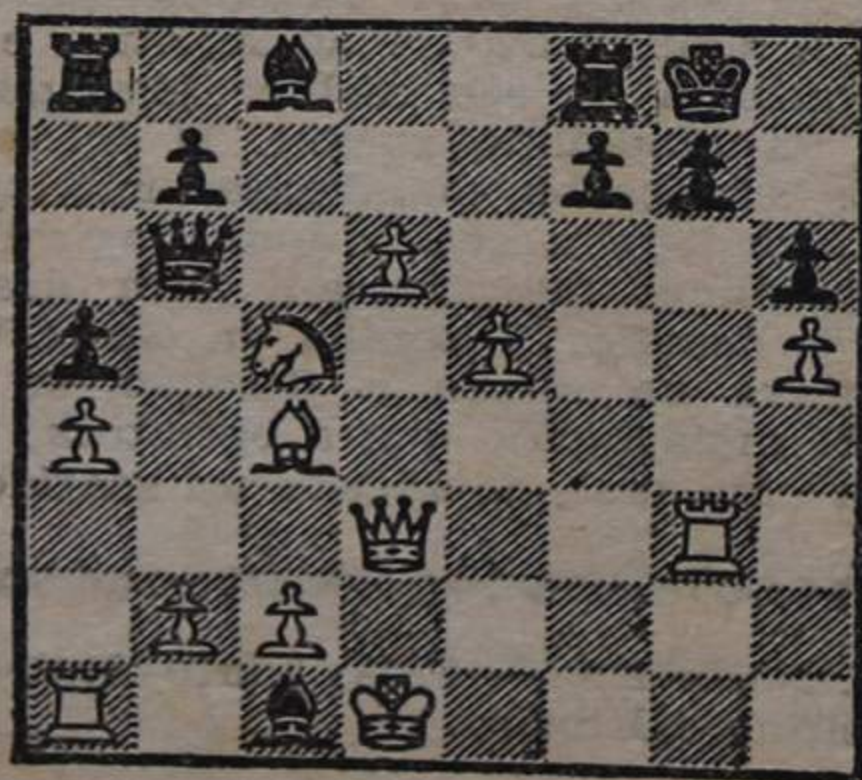
Se todo o texto que transcrevemos o consideramos oportuno, igualmente se nos revela pertinente a opinião do seu autor ao admitir que não se deve menosprezar o interesse do MDE/S.

E a verdade é que análises feitas ao programa revelam o interesse que pode resultar da sua aplicação. Por exemplo: — Como poderá o MDE/S contribuir para o desenvolvimento regional?

Vamos jogar Xadrez

PEÇA FECHADA E MAL DESENVOLVIDA

Ter uma peça fechada, inactiva durante um tempo mais ou menos longo é quase o mesmo que ter uma peça a menos. No exemplo que apresentamos hoje, as pretas eliminam durante quase toda a partida ao BD branco, assegurando-se um final vencedor. Numa partida entre Capa blanca e Bogoljubow (Torneio de Londres, 1922), foram as brancas quem eliminaram de maneira similar o bispo inimigo.



PROBLEMA N.º 2

As brancas jogam e ganham

Tempo para solução:

Dois minutos, para um jogador de primeira categoria;

Sete para um de segunda; quinze, para um de terceira; e vinte e cinco, para um aficionado.

Solução do problema N.º 1, apresentado na passada semana:

1. ...TXB + !; RXT, T1R +; 3.R2B, BXC e as brancas abandonam, já que, se 4. DXD, T7R +; 5. R1C, PXD, e o final não oferecia esperança.

H. C.

DEPOIMENTO

Entre os múltiplos projectos de «intervenção» que se enumeram no volumoso documento recentemente divulgado pelo MDE/S (Movimento Dinamizador Empresa/Sociedade) acha-se uma referência à criação de «sociedades privadas e mistas de desenvolvimento regional». Breve referência apenas, a par de muitas outras que sugerem iniciativas da mais variada índole, tidas como possíveis ou desejáveis. Trata-se, porém, de matéria que é de suma importância considerar, à luz das novas perspectivas de democratização da sociedade portuguesa — para que a província não continue marginalizada e chegue até ela a nova ordem política e social que queremos construir.

Muito se falava já de desenvolvimento regional anteriormente ao 25 de Abril. Mas havia uma contradição insanável entre o autoritarismo e inerente centralismo do anterior regime e os pressupostos essenciais de uma equilibrada e eficiente regionalização do processo de desenvolvimento económico. Por muito que se proclamasse a necessidade de um desenvolvimento regional «participado», havia antagonismo radical entre a participação efectiva das populações nas tarefas do desenvolvimento e o quadro institucional então vigente dominado por um governo autocrático apoiado numa burocracia paternalista com alguns laivos de incipiente tecnocracia.

Tal quadro poderia convir aos interesses das oligarquias tradicionais, mas era incapaz de assegurar a representação genuína dos interesses da grande massa das populações locais. Os serviços e organismos públicos ao nível regional, tal como as autarquias locais, eram sempre dirigidos por funcionários nomeados pelo poder central e dele inteiramente dependentes. As populações, não dispoendo de representantes seus, livremente eleitos, estavam impedidas de participar efectivamente na gestão dos negócios públicos locais e na solução dos problemas que mais directamente as afectavam na sua labuta quotidiana.

Toda esta situação pode e deve modificar-se se soubermos prosseguir na via democrática em que estamos empenhados — aprofundando-a e consolidando-a eficazmente. Democratizar e descentralizar são conceitos e práticas inseparáveis. A mutação profunda das estruturas políticas portuguesas, que está em curso, permitirá cercar a hipertrofia centralizadora do poder político, típica do fascismo, e suscitar ao mesmo passo a criação, nas diversas regiões do país, de verdadeiros centros de decisão representativos da vontade das populações, com poderes de deliberação e de controlo relativamente aos assuntos de âmbito local, nomeadamente os que respeitam ao desenvolvimento sócio-económico.

Vem a propósito, nesta matéria, evocar António Sérgio que, ao comentar um texto de Antero de Quental, escreveu: «A

descentralização, restituindo à província e às forças locais as funções e os direitos que lhes arrebataram, ou de que abdicaram pela sua cegueira, apelando fortemente para a iniciativa dos homens, — é que pode combater de maneira eficaz o parasitismo burocrático cada vez maior, chamar as vontades e os capitais para a faina e restabelecer o equilíbrio da economia.» (1)

As sociedades de desenvolvimento regional, a que se refere o documento do MDE/S, podem constituir instrumentos ao serviço de uma política de valorização regional que deverá ser adequadamente planeada pelos poderes públicos. Os objetivos de tais sociedades determinam a sua natureza e modo de funcionamento. Trata-se de sociedades a que se concedem determinadas regalias e incentivos e que visam a mobilização de recursos, financeiros e técnicos, para a execução de projectos que possam contribuir para o desenvolvimento das economias regionais. Admite-se que algumas destas sociedades se constituam com vista à exploração de recursos do solo ou do subsolo nas diferentes regiões. Mas julgamos que será de atribuir prioridade às que se dediquem ao lançamento de projectos de infraestruturas de base e de equipamentos sociais de interesse geral para as colectividades regionais. Estão neste caso, por exemplo, a criação de zonas industriais e de zonas urbanizadas de habitação.

Na elaboração e execução destes projectos podem ter papel relevante as sociedades de economia mista de desenvolvimento regional; sociedades que, efectivamente, podem representar uma fórmula maleável e eficaz, de associação entre entidades públicas e entidades privadas, embora as primeiras devam ter sempre uma posição maioritária.

Trata-se, com efeito, de dotar os espaços regionais com as infraestruturas e os equipamentos de que eles carecem e que deverão passar a ser reconhecidos como parte integrante do património colectivo regional. Daí que, na concepção e na realização dos respectivos projectos seja necessariamente predominante a óptica do interesse público e não a dos fins lucrativos privados. Em tal matéria haverá de fortalecer e institucionalizar o poder interveniente dos centros de decisão regionais, de modo a assegurar o conteúdo democrático e a dimensão social dos planos de organização do espaço e de desenvolvimento regional.

(1) — Cf.: Ensaios, tomo IV, p. 168 (Sá da Costa Editores).

(1) — «O Investimento privado e o processo de democratização» — Jornal «República». Autor: S. L.

(2) — «Depoimento» — Jornal «Diário de Notícias». Autor: Manuel Bello (consultor económico).

	Restaurante	9	9
	Snack — Discoteca	2	2
	CABANA	1	1
		3	9
		2	6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca
Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

Comissão do Turismo

SEMANÁRIO AVENÇADO

ESPINHO

E depois deste exemplo sobre uma cilada posicional vamos apresentar o nosso problema desta semana. Trata-se da partida Biadas-Heinm (Alemanha Ocidental, 1962) é uma curiosa posição em que as brancas têm uma clara vantagem de espaço e boas possibilidades de ataque sobre o Roque inimigo, que está muito desprotegido. A tal ponto, que com uma demolidora jogada forçarão um imediato desenlace.